Revista de Educação

Vol. 13, Nº. 15, Ano 2010

Fábio Eduardo Cressoni

Universidade Anhanguera - Uniderp

fabio.cressoni@ibest.com.br

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@aesapar.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Resenha
Recebido em: 29/10/2010
Avaliado em: 24/9/2011

Publicação: 15 de outubro de 2011

EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E CULTURA NO BRASIL COLÔNIA

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra coletiva Educação, História e Cultura no Brasil Colônia, considerando o contexto da produção historiográfica educacional brasileira. Nesse sentido, observamos o atual estado da arte referente à elaboração de trabalhos destinados a historiar a educação nacional entre os anos de 1549 e 1759. Na seqüência, apresentamos as contribuições que o livro ora estudado pretende proporcionar a História da Educação no Brasil, com especial destaque ao período colonial.

Palavras-Chave: historiografia; história da educação; jesuítas.

ABSTRACT

This article aims to analyze the collective work Education, History and Culture in Colonial Brazil, considering the context of the Brazilian educational historical production. In this sense, we observe the current state of the art on developing wok to a historic national education between the years 1549 and 1759. Subsequently, we present the contributions that the book aims to provide herein studied the History of Education in Brazil, with special emphasis on the colonial period.

Keywords: historiography, history of education; jesuits.

1. INTRODUÇÃO

Resenhar *Educação, História e Cultura no Brasil Colônia* significa pensar o panorama da produção historiográfica educacional brasileira em relação ao período colonial, com especial atenção a presença e atuação jesuítica na América portuguesa (1549-1759). Responsáveis pelo aprendizado dos filhos de colonos, índios e negros que coabitavam esta parte do Império Português, os inacianos atuaram por duzentos e dez anos, de forma ininterrupta, na educação brasileira, até 1759, data que marcaria a expulsão dos mesmos da Colônia.

O livro organizado pelos professores Paulo de Assunção, Marisa Bittar e José Maria de Paiva, reflete um novo momento nessa mesma produção historiográfica, que permite ao leitor tomar contato com novas perspectivas quando dessa primeira fase da história da educação brasileira. Dividido em sete diferentes estudos, versando sobre os mais variados temas, a obra, que fora lançada por ocasião do sétimo encontro do grupo de pesquisa Dehscubra[1], ocorrido no ano de 2007, na Unifai, caminha no sentido de iniciar uma produção acadêmica, no formato de livros, específica sobre a educação no período mencionado.

2. O ESTADO DA ARTE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COLONIAL BRASILEIRA

Para ilustrarmos a importância do trabalho produzido por parte dos integrantes desse grupo de pesquisa, devemos retomar o estado da arte na história da educação colonial. Bittar e Ferreira Jr. (2006), em texto apresentado quando da ocasião da realização do sétimo seminário nacional do Grupo de Pesquisa Histedbr [2], realizado no ano de 2006, na Unicamp, ajudam-nos a compreender este processo.

Analisando a produção de trabalhos voltados aos congressos da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e dos encontros anuais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), estes pesquisadores constataram como os trabalhos relativos à educação no período colonial possuem uma distribuição desigual em números, quando comparados com os temas relativos aos períodos imperial e republicano.

---

[1] O Diretório de Pesquisa Educação, História e Cultura: Brasil (1549-1759) foi fundado pelo professor José Maria de Paiva, no ano 2000. Sediado na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), este congrega ainda pesquisadores e estudantes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Centro Universitário Assunção (UNIFAI), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

[2] O Diretório de Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil foi criado na Faculdade de Educação da UNICAMP, no ano de 1986, pelo professor Demerval Saviani. Atualmente o grupo congrega 24 GT's, distribuídos entre 13 estados brasileiros.

Perpassando rapidamente por alguns dos dados apresentados por eles, confirmamos o seguinte: de três congressos da SBHE, realizados entre os anos de 2000 e 2004, apenas 20 trabalhos sobre o período colonial foram apresentados, de um total de 968 estudos produzidos. Analisando os números relativos aos encontros da ANPED, situando-nos no mesmo intervalo de tempo, encontramos uma situação semelhante: de 60 trabalhos apresentados, no decorrer das reuniões anuais realizadas entre 2000 e 2004, apenas 01 comunicação, versando sobre a concepção de educação presente nos sermões do padre Antônio Vieira, baseada em Foucault, fora apresentado (BITTAR; FERREIRA JR., 2006).

Com base ainda em um arrolamento sobre a produção de livros acerca da história da educação brasileira, percebe-se o predomínio dos períodos imperial e republicano sobre os estudos educacionais destinados ao período colonial. Com exceção da dissertação de mestrado defendida por José Maria de Paiva, no ano de 1978, na Faculdade de Educação da Unicamp, sob orientação do professor Casemiro dos Reis Filho, e publicada quatro anos mais tarde, sob o título de *Colonização e Catequese*, observamos poucos livros que destinaram um amplo espaço de análise a presença jesuítica e sua atuação no setor educacional, quando da formação e séculos posteriores inerentes ao Brasil Colonial [3] (Idem).

3. EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E CULTURA: NOVAS POSSIBILIDADES DE ESTUDO

Feitas essas breves considerações, que justificam o caráter inédito de *Educação, História e Cultura no Brasil Colônia* e sua contribuição à historiografia da educação brasileira, passamos a observar cada um dos sete capítulos que compõe a obra, bem como um breve resumo da atuação e produção de seus autores, na perspectiva de situarmos e estimularmos os leitores e pesquisadores a atentarem-se a potencialidade que os novos estudos nessa área de investigação podem oferecer a pedagogos, historiadores, antropólogos e outros pesquisadores das ciências humanas no Brasil.

Transpassada a apresentação do livro, dirigida ao histórico do grupo de pesquisa Dehscubra, bem como seu principal objetivo, fomentar novas discussões relativas à História da Educação, enfatizando o período jesuítico e sua relação com a aprendizagem de ser, na formação dos indivíduos e da cultura brasileira, o primeiro capítulo do livro,

[3] A exemplo dessa questão, citamos o trabalho de Otaíza Romanelli, *História da Educação no Brasil*, lançado no ano de 1970, e que hoje encontra-se em sua 29ª. edição. Destinando apenas quatro páginas a um período de mais de duzentos anos, percebemos o peso ainda atribuído a seu estudo, por ocasião das constantes reedições de seu texto. Mesmo em trabalhos mais recentes, como o de Maria Lucia Spedo Hilsdorf, *História da educação brasileira: leituras* (2003) encontramos cerca de dez páginas destinadas a resumirem os mais de dois séculos de pedagogia inaciana praticados na América portuguesa.

Religiosidade e cultura brasileira: século XVI, é assinado por José Maria de Paiva, atual líder e coordenador do grupo.

Paiva, que desde a escrita de *Colonização e Catequese*, tem se dedicado à temática da educação jesuítica, tendo orientado um total de 24 trabalhos sobre esse período, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, observa as formas concretas de atuação dos portugueses quinhentistas em relação à religiosidade e formação da cultura brasileira. As mais variadas práticas sociais são aferidas e comparadas com a forma de ser portuguesa, agora plasmada e moldada a uma nova geografia: a *terra brasilis*.

Da análise das cartas jesuíticas e outras fontes documentais, vemos emergir a presença da religiosidade nessas práticas sociais, atentando-nos a relação entre essa categoria e essas mesmas práticas presentes no mundo colonial ibérico, destacando, pois, a importância da cultura para a compreensão desse processo, vez que:

> É nas práticas que se observam os traços marcantes do entendimento que se tem da realidade, posto em ato através das relações sociais. Estas, com efeito, é que realizam a cultura, incitando à interpretação, delimitando as expressões convenientes a cada grupo social, justificando comportamentos (PAIVA, 2007, p. 27-8).

A síntese apresentada por este autor, relatando e propondo uma releitura da história da educação na América portuguesa, por intermédio e aproximação com a história cultural, é seguida do texto de Célio Juvenal da Costa, professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Ex-orientando de Paiva, com tese de doutoramento sobre a racionalidade jesuítica no século XVI, Costa discute a educação colonial a partir de quatro pontos comuns, entrelaçados entre si na pedagogia inaciana praticada à época moderna: reforma da Igreja (Concílio de Trento, 1545-1563), educação como componente da racionalidade jesuítica quinhentista, a presença dos colégios como estruturas permanentes e inerentes a Companhia de Jesus e, por último, um resumo histórico do *Ratio Studiorum* (1599), bem como os objetivos do chamado método pedagógico dos jesuítas.

Na seqüência, Edmir Missio, doutor em Teoria Literária pela Unicamp, apresenta o texto *As relações epistolares: humanistas e jesuítas*. Neste, são debatidas as origens e funções das cartas como componentes da escrita e da comunicação em meio ao mundo moderno. Comparando as práticas humanistas e jesuíticas nas relações epistolares, o autor nos chama atenção à questão da importância e presença da persuasão nesse gênero literário.

Atento aos *Exercícios Espirituais* elaborados pelo fundador e dirigente máximo da Companhia de Jesus no século XVI, o espanhol Ignácio de Loyola, Paulo Romualdo Hernandes, Doutor em Educação pela Unicamp e professor da Universidade Federal de Alfenas, estabelece e compara as relações entre o texto de Loyola e as representações teatrais contidas em suas descrições. A dramatização, exercício marcado pelo sofrimento e

pela dor, é expressa como alegoria medieval ainda inserida no seio de uma modernidade nascente.

Palco dessa dramatização, o estudo de Hernandes observa como o exercitante dos ensinamentos de Loyola aprender a ser, estudando seus textos em uma perspectiva de, na alma, combater demônios e reeducar-se para a prática do bem, repelindo o mal. Logo, a relação entre educação, o texto fundador das idéias de Loyola e a dramatização teatral é traçada neste capítulo.

Fechando a periodização proposta pelo grupo de estudo, Paulo de Assunção, Doutor em História Econômica e Social pela Universidade Nova de Lisboa e também Doutor em História Social pela USP, apresenta o texto *Educação e cultura na América portuguesa: as reformas de Sebastião José Murilo de Carvalho Melo*.

A síntese de Assunção sobre as origens e desdobramentos das reformas pombalinas, em especial no que tange a educação após os jesuítas serem banidos do Brasil, revela as dificuldades enfrentadas, na segunda metade do século XVIII, pelo então primeiro Ministro português, no sentido de reformar a educação lusitana. Desse modo, novas obras e idéias, tomadas como clássicas referências ao pensamento iluminista, são apresentadas pelo autor, discutindo ainda os problemas relativos à implantação dessas idéias, tanto na sede do Império quanto nas suas demais dimensões, isto é, nas diferentes colônias existentes.

Encerrando o livro, encontramos um artigo dos professores Marisa Bittar e Amarílio Ferreira Junior (UFSCar), que retoma o problema anteriormente apresentado sobre as condições da produção acadêmica no Brasil relativas ao tema aqui apresentado, e um último capítulo, baseado na quantificação de dados disponíveis nas bibliotecas digitais espalhadas pelo país, que, por meio da abordagem bibliométrica, demonstra o atual estado das produções que abarcam a educação jesuítica.

Elaborado pelos professores Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi e Carlos Roberto Massao Hayashi, do Departamento de Ciência da Informação da UFSCar, os dados, expostos no formato de tabelas e gráficos, confirmam aquilo que afirmamos no início de nosso texto: ainda há muito por fazer no que se refere à presença jesuítica no mundo colonial brasileiro, contribuindo, portanto, para resignificação desse importante, mas até então esquecido, período da história da educação em nosso país. No entanto, a obra ora apresentada, nos permite constatar a certeza de que um novo caminho iniciou-se, destinando ainda a possibilidade de novos passos serem seguidos por aqueles que se enveredam nesta área de estudo.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Paulo de; BITTAR, Marisa. PAIVA, José Maria de. **Educação, História e Cultura no Brasil Colônia**. São Paulo: Arké, 2007.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JR., Amarílio. **O estado da arte em história da educação colonial**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_079.html>. Acesso em: 27 out. 2010.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

PAIVA, José Maria de. **Colonização e catequese (1549-1600)**. Campinas: Editores Associados, 1982.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil: 1930-1973**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

Fábio Eduardo Cressoni

Doutorando em História e Cultura Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Franca), Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atualmente atua como Professor-Tutor a Distância na Universidade Anhanguera - Uniderp.